



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação
Programa de Pós Graduação Profissional em Educação

LINHARINHO SOB NOSSO OLHAR

REFERENCIAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ANTIRRACISTA PARA A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA



Wallace Linhares Julio
Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade
Vitória 2024



**Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação
Programa de Pós Graduação Profissional em Educação**

LINHARINHO SOB NOSSO OLHAR

**REFERENCIAL DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS
ANTIRRACISTA PARA A EDUCAÇÃO QUILOMBOLA**

**Wallace Linhares Julio
Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade
Vitória 2024**

Ficha catalográfica disponibilizada pelo Sistema Integrado de
Bibliotecas - SIBI/UFES e elaborada pelo autor

- J94l Julio, Wallace Linhares, 1986-
Linharinho Sob nosso Olhar : Referencial de práticas
pedagógicas antirracista para a Educação Quilombola / Wallace
Linhares Julio. - 2024.
88 p. : il.

Orientadora: Patrícia Gomes Rufino Andrade.
Produto Técnico-Tecnológico (Desenvolvimento de Material
didático e instrucional) (Mestrado Profissional em Educação) -
Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação.

1. História oral. 2. Antirracismo. 3. Educação Inclusiva. 4.
Quilombo. 5. Territorialidade. 6. Prática de Ensino. I. Andrade,
Patrícia Gomes Rufino. II. Universidade Federal do Espírito
Santo. Centro de Educação. III. Título.

CDU: 37



Universidade Federal do Espírito Santo
Centro de Educação
Programa de Pós Graduação Profissional em Educação

Wallace Linhares Julio

Línharínho Sob nosso olhar

Referencial de práticas pedagógicas antirracista
para a Educação Quilombola

Produto acadêmico apresentado ao
Programa de Pós-Graduação Profissional
em Educação da Universidade
Federal do Espírito Santo, como requisito
parcial para obtenção
do título de Mestre em Educação, na linha
de pesquisa Práticas
Educativas, Diversidade e Inclusão escolar.
Orientadora: **Prof^ª Dr^ª Patrícia G. Rufino
Andrade**

Vitória
2024





UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO -
UFES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DE
MESTRADO
EM EDUCAÇÃO - PPGPE

Eustáquio Vinicius Ribeiro de Castro
Reitor

Sonia Lopes Victor
Vice-Reitora

Representante do Centro de Educação (CE)
Reginaldo Célio Sobrinho

ALEXANDRO BRAGA VIEIRA

Coordenador do Programa de Pós-
Graduação de Mestrado
Profissional de Educação





“Aqui é um lugar tão sagrado que até um pé de Baobá, que é uma árvore sagrada da África, a gente tem. Essa árvore ela é tão sagrada na África, que quando os negros vieram pra cá, e no mesmo instante é uma árvore do esquecimento, dependendo do que as pessoas fazia com a gente, com o nosso corpo, cada planta que ocê vê aqui, é remédio, é o que nós usa, às vezes as pessoas tira como mato, é um alimento para nossa alma que é sagrado.”

DONA GESSI CASSIANO





Wallace Linhares

Mestrando em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Educação da Universidade Federal do Espírito Santo (PPGMPE-UFES), onde aprofundo conhecimentos e práticas pedagógicas inovadoras. Paralelamente, amplio minha expertise em História como graduando pela mesma instituição. Sou licenciado em Letras/Português e Literaturas, com especializações em Literatura Brasileira e em Educação de Jovens e Adultos. Pesquisador no grupo de pesquisa Territorialidade e Novas Mídias, investigando a intersecção entre espaço, cultura e tecnologia. Dedico-me ao estudo das narrativas das mulheres quilombolas do Jongo de Conceição da Barra, explorando a riqueza cultural e a transmissão de saberes através de suas histórias. Além disso, investigo as diversas vertentes do racismo, buscando compreender suas manifestações e impactos na sociedade contemporânea.



Patrícia Rufino

Doutora em Educação - Diversidade e Práticas Inclusivas (UFES). Professor Adjunto do Departamento de Educação, Política e Sociedade (DEPS). Graduado em Geografia (UFES), Pedagoga, Mestre em Educação (UFES). Pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFES, pesquisa Geografias e territorialidades: Políticas Educacionais para Populações Afro-Brasileiras: Quilombolas, Territorialidades afro-religiosas; Educação Rural, Práticas Pedagógicas para Educação Étnico-racial, Territórios periféricos. Atualmente desenvolve pesquisa de Pós-Doutorado em Economia e Políticas Institucionais, e projetos de liderança, conteúdos e metodologias de ensino de Geografia. Líder do Grupo de Pesquisa Cnpq - Territórios e Territorialidades Rurais e Urbanas, Docente do Mestrado Profissional em Educação na linha Educação, Diversidade e Práticas Inclusivas.



Pedimos a Exu para guardar a porteira, que ele seja o nosso guardião, nossa sentinela nessa encruzilhada da escrita.

Oferecemos-te a palavra, Exu! Pois sabemos que o senhor é o princípio da comunicação, a linguagem como um todo, aquele que tem o domínio de todas as línguas, que faz a ponte com os Orixás. Rufino (2019, p.24). Assim, teremos daqui para frente um arsenal de caminhos abertos por Exu que se inserem processualmente. Esses caminhos, como trilhas invisíveis nos guiarão na busca pelo conhecimento ancestral.

Com todas as honras, Exu vai à frente, que ele possa nos proporcionar uma escrita/leitura tranquila e assim, nada de negativo aconteça nesse trajeto, nos guie nessa maravilhosa encruzilhada dos quilombos ancestrais.





OFERENDA

Uma forma de expressar gratidão

QUILOMBO, O ELDORADO NEGRO

Gilberto Gil

Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Como o clarão que o sol da liberdade
produziu
Refletiu
A luz da divindade, o fogo santo de Olorum
Reviveu
A utopia um por todos e todos por um
Quilombo
Que todos fizeram com todos os santos
zelando
Quilombo
Que todos regaram com todas as águas do
pranto
Quilombo
Que todos tiveram de tombar amando e
lutando
Quilombo
Que todos nós ainda hoje desejamos tanto
Existiu
Um eldorado negro no Brasil
Existiu
Viveu, lutou, tombou, morreu, de novo
ressurgiu
Ressurgiu
Pavão de tantas cores, carnaval do sonho
meu
Renasceu
Quilombo, agora, sim, você e eu
Quilombo
Quilombo
Quilombo
Quilombo



A oferenda é uma maneira de expressar gratidão. Neste momento, ofereço minha profunda gratidão à vida, às pessoas e à ancestralidade que nos impulsiona neste mundo, nos fortalece e caminha ao nosso lado. Que esta oferenda chegue como um gesto de carinho e reconhecimento.

Em sua canção, Gilberto Gil, o grande trovador das estrelas, nos conduz por trilhas invisíveis até esse “eldorado negro”, onde a liberdade dança com a igualdade, e a esperança se entrelaça com a fé.

“Refletiu a luz da divindade”, diz ele. Ah, como essa luz reverbera! É o sol da liberdade, que incendeia os corações dos quilombolas. Eles não são apenas homens e mulheres; são guardiões de um sonho coletivo, saberes e fazeres tecido com fios de ancestralidade e bordado com a coragem, luta, resistência dos que ousaram desafiar as correntes.

“Quilombo, agora, sim, você e eu” diz o grande trovador Gil, as palavras ressoam como tambores sagrados. “É tempo de aquilombar”, como diz nossa querida Conceição Evaristo, de entrelaçar nossas mãos e dançar a dança dos antigos, em roda, em circularidade, em coletividade! Com os pés descalços, pisamos o solo do quilombo, solo sagrado, sintam a terra, o som da mata, sintam essa energia... é preciso ter olhos e ouvidos atentados.

Não estamos sós; somos parte desse tecido cósmico, onde cada fio é um elo de resistência.

Agradecer a essas Mulheres negras Quilombolas, heroínas, que sustentam o mundo sobre seus ombros. Dona Gessi Cassiano, Luandra Gomes dos Santos, Juliana Gomes do Nascimento, Letícia dos Santos Nascimento: seus nomes são de força. Sem a fé que carregam, o quilombo seria apenas um punhado de terra. Elas são as raízes que sustentam a árvore da liberdade. Aos Estudantes do nono ano, da EMEF. Dr. Mário Vello Silvares vocês são os arquitetos do amanhã, o mundo é de vocês! Vocês desbravaram os caminhos do conhecimento, como exploradores destemidos. Pesquisaram, refizeram, construíram. O entrelaçar da Educação quilombola com a Educação Escolar é um portal para o infinito. Vocês carregarão consigo a lembrança desse quilombo, não apenas como espaço físico, mas como um refúgio de memórias e sonhos. Axé! A palavra vibra no ar, como um pássaro que alça voo. Agradecemos a todos que, direta ou indiretamente, contribuíram para essa jornada. O eldorado negro não é uma miragem; é o pulsar da nossa essência, a batida do coração coletivo. E assim, com os pés na terra e os olhos no céu, seguimos dançando, cantando e agradecendo.

Wallace Linhares





SUMÁRIO



1.Introdução.....	14
2.Caminhos abertos	15
3. Primeira Roda - Política de Equidade e Educação Étnico-Racial Quilombola.....	16
4. Segunda Roda - Comunidade Quilombola de Linharinho.....	22
5. Terceira Roda - EMEF. Dr. Mário Vello Silves	24
6. Quarta Roda - Diagnóstico Inicial na EMEF. Dr. Mário Vello Silves.....	27
7. Quinta Roda - Visitas Técnicas à Comunidade Quilombola de Linharinho	33
8. Sexta Roda - Vivências e Relatos: A Jornada dos Estudantes no Ponto de Memória de Santa Bárbara.....	33
9. Sétima Roda - Memórias Vivas das Mulheres Negras Quilombolas da Comunidade Quilombola de Linharinho.....	43
10. Oitava Roda - O Entrelaçar da Educação Quilombola com o Ensino na EMEF Dr. Mário Vello Silves.....	51
11. Nona Roda - Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola	55
12. Décima Roda - In-conclusões	80
13.Colaborarte	82
14.Referências	84





INTRODUÇÃO





Caminhos abertos

Caro professor, cara professora,

É com grande satisfação que apresento este Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola, produto da pesquisa intitulada *Memória, Fé e Resistência: Contribuições das Mulheres do Jongo de Linharinho para a Educação Quilombola*, de autoria de Wallace Linhares Julio, realizada para a obtenção do título de Mestre em Educação no Programa de Pós-graduação em Educação Profissional da Universidade Federal do Espírito Santo, sob a orientação da Professora Doutora Patrícia Gomes Rufino Andrade.

Este referencial de práticas pedagógicas se fundamenta na decolonialidade e no antirracismo, promovendo um diálogo com as orientações normativas e curriculares exigidas para todas as escolas brasileiras. Trata-se de uma escolha política e pedagógica! Precisamos nos libertar das amarras coloniais, ou como diz Kiusam de Oliveira, precisamos sair dessas "arapucas" coloniais. Este referencial propõe uma educação que se contrapõe à escola eurocentrada e ao currículo colonial com os quais ainda convivemos. É preciso mudança! As escolas devem promover uma educação baseada nos referenciais afro-brasileiros, indígenas e africanos, repensando e reconstruindo suas ações pedagógicas.

As atividades propostas neste Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola foram construídas pelos adolescentes da EMEF Dr. Mário Vello Silves, tanto no espaço da escola quanto fora dela. As vivências ocorreram durante as visitas técnicas à Comunidade Quilombola Linharinho, mais especificamente no Ponto de Memória de Santa Bárbara, sob a guarda de Dona Gessi Cassiano. A partir dessas experiências no quilombo, os estudantes exploraram a interseção entre a Educação Quilombola e a Educação Escolar, rompendo com a ideia de um currículo fechado, eurocentrado e homogêneo, baseado apenas nas referências do Sul-Sudeste do Brasil e do Sul global. Os estudantes traduziram essas vivências em diferentes gêneros textuais, como histórias em quadrinhos (HQs), blogs, vlogs, crônicas, poesias, animações e playlists de música, entre outros.

Convido você a conhecer o Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola, um guia que se abre às múltiplas formas de ser e existir. Este referencial não apenas valoriza a diversidade, mas também propõe uma abordagem inclusiva e transformadora na educação. Juntos, podemos criar um ambiente educativo que respeite e celebre as identidades quilombolas, promovendo uma sociedade mais justa e inclusiva para todos.



Primeira Roda

Política de Equidade e Educação Étnico-Racial Quilombola



POLÍTICA DE EQUIDADE E EDUCAÇÃO ÉTNICO-RACIAL QUILOMBOLA

A LEI 10.639/2003

Descolonizar os currículos é mais um desafio para a educação escolar. Trazer para o espaço escolar as culturas que foram negadas e silenciadas nos currículos exige um processo de desconstrução ao mesmo tempo que construímos. Diante disso e tendo conhecimento de que as epistemologias negras surgiram das pautas do movimento negro que sempre se organizou na luta antirracista devido à negação das histórias, conhecimentos e saberes africanos e afro-brasileiro na educação brasileira, nossa primeira etapa de decolonialidade surge a partir do ativismo e luta do movimento negro. Nestes caminhos, deu-se origem a Lei nº 10.639/ 2003, que altera a LDB - Lei de Diretrizes e Bases e estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais, que instituiu a obrigatoriedade do ensino da História e Cultura Afro-Brasileira e Africana na Educação Básica, exigindo novos posicionamentos, práticas e posturas de professores (as).

“Tod[a]s nós, na academia e na cultura como um todo, somos chamados a renovar nossa mente para transformar as instituições educacionais- a sociedade – de tal modo que nossa maneira de viver, ensinar e trabalhar possa refletir nossa alegria da diversidade cultural, nossa paixão pela justiça e nosso amor pela liberdade.
(hooks, 2017, p. 50).

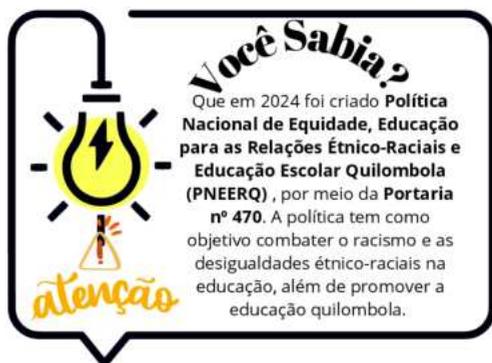


bell hooks

Gloria Jean Watkins, mais conhecida pelo pseudônimo bell hooks, foi uma autora, professora, teórica feminista, artista e ativista antirracista estadunidense.

Seguindo o pensamento de hooks (2017) é preciso repensar e transformar as nossas práticas educacionais e sociais para promover uma cultura de diversidade, justiça e liberdade. A renovação do pensamento é essencial para criar um ambiente mais inclusivo, justo e livre para todos.

A promulgação dessa lei nos proporciona visitação da memória histórica do país, no intuito de ecoar vozes silenciadas por séculos, desde o processo de escraviza o, quando silenciaram negros e negras. A colonialidade opera nessa mesma lógica, de silenciar vozes, negar direitos, deslegitimar identidades, conhecimentos, saberes, religiões e qualquer modo de ser e existir que se diferencie do conhecimento e pertencimento infundidos pela lógica colonial. Assim nossos currículos seguem a lógica reprodutivista da discrimina o, universalidade.



Política Nacional de Equidade, Educa o para as Rela es  tnico-Raciais e Educa o Escolar Quilombola (PNEERQ)

A Portaria n  470, de 14 de Maio de 2024 instituiu a Política Nacional de Equidade, Educa o para as Rela es  tnico-Raciais e Educa o Escolar Quilombola - PNEERQ. Com a finalidade de implementar a es e programas educacionais voltados   supera o das desigualdades étnico-raciais na educa o brasileira e   promo o da política educacional para a popula o quilombola.

XI - proporcionar o reconhecimento das formas de produção de saberes e práticas das comunidades quilombolas, de modo a contribuir para sua valorização local e nacional, autoestima individual e coletiva, preservação do patrimônio cultural material e imaterial, garantia territorial e de direitos, indissociabilidade entre ancestralidade e memória coletiva, afirmação das trajetórias, das identidades e da educação quilombola; (BRASIL, 2024).

Desse modo, essa diretriz faz parte das políticas educacionais voltadas para as comunidades quilombolas, com o objetivo de valorizar os conhecimentos tradicionais e práticas culturais dessas comunidades. É importante destacar que essas comunidades têm uma rica herança de saberes e fazeres que são transmitidos de geração em geração.

Na mesma perspectiva, é preciso valorizar os conhecimentos gerados dentro da comunidade, como meio de preservar a cultura quilombola e integrá-la à história e identidade do país. Outro ponto importante a ser destacado na diretriz, é a preservação tanto do patrimônio material, que inclui artefatos, os pontos de memórias, assentos religiosos, as imagens, quanto, o imaterial, como ladainhas, as rezas, as cantigas, as danças, as memórias orais.

Da mesma maneira, a “indissociabilidade entre ancestralidade e memória coletiva”, que destaca a conexão profunda entre a história ancestral e a memória coletiva das comunidades quilombolas. Isso reforça a importância de preservar e transmitir essa memória às gerações futuras.

Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais



Segundo as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.147) é um importante entender o lugar e a oralidade e nos diversos tons de vozes como componentes pedagógicos. Desse modo, “O pedagógico, enfim, está na nossa capacidade de exigir de nós mesmos uma docência com um olhar mais atento às diversidades étnico-raciais de modo que a diferença e igualdade sejam possíveis (...)”.

O contato com a terra, com o ambiente, com a natureza nas comunidades quilombolas que dispõem de seu espaço próprio, de seu território, sugere uma ideia de que homens, mulheres e ambientes se constituem tanto como diferenciações, como extensões e complementaridades. Este perceber-se evoca uma relação menos estilhaçada com a natureza, com a vida; está relação de interdependência, de reciprocidade, de diálogo é a perspectiva que se pode denominar “interdisciplinar”, pressuposto didático-pedagógico que abarca a conseqüentemente, compromissos, se os sujeitos neles não se encontrarem, também como complementaridades.

(Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais 2006, p.147).

A Educação Quilombola valoriza a conexão da comunidade com a terra, o ambiente natural e a cultura local. Vale dizer que isso, envolve não apenas ensinar o conteúdo formal, mas conhecimentos tradicionais, práticas sustentáveis e respeito pelas tradições ancestrais.

Isso significa a ideia de interdisciplinaridade, como um pressuposto didático-pedagógico, que possa integrar diferentes áreas do conhecimento, como saberes tradicionais, históricos, ambientais, sociais precisam coexistir e dialogar, enriquecendo a experiência na Educação Escolar.

Nessa concepção, observa-se que Educação Quilombola fortalece a identidade das comunidades, valorizando suas raízes, línguas, tradições e histórias. É importante observar que essa perspectiva menos estilhaçada, reflete uma visão holística (Morin, 1994), na qual esses sujeitos se veem como parte de um todo.

ATENÇÃO

LEI Nº 14.986, DE 25 DE SETEMBRO DE 2024

Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional)

para incluir a **obrigatoriedade de abordagens fundamentadas nas experiências e nas perspectivas femininas nos conteúdos curriculares do ensino fundamental e médio**; e institui a Semana de Valorização de Mulheres que Fizeram História no âmbito das escolas de educação básica do País.

Parágrafo único. As abordagens a que se refere este artigo devem incluir diversos aspectos da história, da ciência, das artes e da cultura do Brasil e do mundo, a partir das experiências e das perspectivas femininas, de forma a resgatar as contribuições, as vivências e as conquistas femininas nas áreas científica, social, artística, cultural, econômica e política."



SEGUNDA RODA

COMUNIDADE QUILOMBOLA DE
LINHARINHO



Comunidade Quilombola de Linharinho



Art. 216. Constituem patrimônio cultural brasileiro os bens de natureza material e imaterial, tomados individualmente ou em conjunto, portadores de referência à identidade, à ação, à memória dos diferentes grupos formadores da sociedade brasileira, nos quais se incluem: [...]§ 5º Ficam tombados todos os documentos e os sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos quilombos. (BRASIL, 1988)

Linharinho foi a primeira comunidade quilombola reconhecida no estado do Espírito Santo. A Fundação Cultural Palmares certificou o Quilombo Linharinho como remanescente de quilombo em 2005.

Considerando o Art. 216 da Constituição de 1988, é importante destacar que a Comunidade Quilombola de Linharinho, situada no Espírito Santo é um exemplo emblemático de patrimônio cultural imaterial brasileiro. A Comunidade Quilombola Linharinho, é reconhecida como a primeira comunidade quilombola do estado, é herdeira direta dos saberes e práticas dos antigos quilombos, evidenciados na forte tradição de produção de farinha.

A comunidade de Linharinho, situada em Conceição da Barra, norte do Espírito Santo, é um quilombo histórico. Originária do quilombo estabelecido por Negro Rugério, a área hoje é conhecida atualmente como o povoado de Santana.

O Linharinho é símbolo de resistência e autonomia frente à opressão. A fuga de Negro Rugério e outros para formar o Quilombo do Morro dentro dos limites da fazenda de Dona Rita ilustra a busca por liberdade e a tensão entre a dependência econômica dos proprietários de terras e o desejo de autodeterminação dos escravizados.



TERCEIRA RODA

EMEF.DR.MÁRIO VELLO SILVARES



EMEF.DR.MÁRIO VELLO SILVARES

A EMEF Dr. Mário Vello Silves está localizada no centro da cidade de Conceição da Barra. A escola recebe estudantes de diferentes perfis.



A escola recebe estudantes de diferentes perfis. A maioria dos estudantes moram no centro da cidade, onde a escola fica localizada, ou em bairros próximos Vila dos Pescadores, Nova Betânia.

A EMEF. Dr. Mário Vello Silves traz uma distribuição diversificada de estudantes por localidade e transporte. O segmento mais significativo são os 17 estudantes da Comunidade Quilombola Santana que corresponde: Santana, pista Santana, praça Santana, igreja Santo Antônio, garagem Mar Aberto, Creche Santana, Padaria Santana e em frente ao Material de Construção do João Pedro. É importante pensar que temos ainda estudantes em que os pais trazem de carro, que vem de bicicleta e deslocam a pé. É possível perceber que a maior concentração são estudantes que moram no centro. De acordo com o Sistema de Gestão Escolar Educacenso - Tecsystem (2024) a distribuição de estudantes por turno, etapa, raça/ cor:

Fundamental I		Fundamental II		EJA
313		233		25
Masculino		Feminino		
262		309		
Pardos	Pretos	Brancos	Amarelo	Indígena
342	64	159	5	1

Fonte: Sistema de Gestão Escolar [EducaCenso](#) - [Tecsystem](#) (2024)



A árvore é um grande símbolo da escola

Assim, de acordo com dados fornecidos pelo sistema, 342 estudantes foram identificados como pardos, 159 estudantes foram identificados como brancos e apenas 64 estudantes foram identificados como pretos, 5 amarelo e 1 indígena. Segundo o sistema, 147 estudantes são beneficiados pelo programa Bolsa Família que garante as famílias uma renda familiar mensal, porém devem cumprir requisitos como frequência escolar e vacinação.





QUARTA RODA

Diagnóstico Inicial na EMEF. Dr. Mário Vello
Silvares



Diagnóstico Inicial na EMEF. Dr. Mário Vello Silveiras

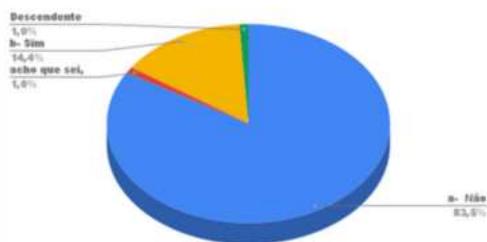


As questões diagnósticas levantadas buscam iluminar o entendimento coletivo sobre o que significa ser quilombola, a relevância do jongo de Conceição da Barra, e a consciência sobre racismo e a necessidade de práticas antirracistas. Através desse diagnóstico, buscamos não apenas mapear o entendimento atual, mas também identificar caminhos para uma pedagogia que celebre as tradições quilombolas e combata o racismo de forma eficaz.



Nessa perspectiva, optamos por segmentar os participantes em quatro categorias distintas: funcionários, 9º |¹, 9º |² e 9º |³. Desse modo, o questionário foi respondido por 30 funcionários, distribuídos da seguinte forma: 5 membros do grupo gestor que corresponde a diretora, supervisora, coordenadora, 1 secretária, 5 mediadoras responsáveis pelo atendimento educacional especializado e 19 professores (as). E, por fim, participaram do questionário 23 estudantes do 9º |¹, 23 estudantes do 9º |² e 21 estudantes do 9º |³.

Na composição desse estudo, 56 participantes se identificaram-se como feminino e 41 como masculino, evidenciando uma diversidade de gênero entre os respondentes. Na autodeclaração racial, 21 participantes identificaram-se como pretos, enquanto 29 se reconheceram como brancos e 47 como pardos. Percebe-se, que essa variedade é particularmente relevante em Conceição da Barra, uma cidade marcada por uma rica herança negra, na qual estão refletidas na sua história e cultura. Silva e Leão (2012) argumentam que a “identidade parda” merece um olhar atento, pois abrange uma parcela significativa e possivelmente crescente da população. Sendo assim, entender como as pessoas se identificam e as razões por trás dessa identificação pode fornecer insights importantes sobre as dinâmicas sociais e raciais do país.



Ao considerar o conjunto de dados apresentados, vê-se que refletem uma complexa realidade sócio-cultural, onde a identidade quilombola e o conhecimento da história local parecem estar em um processo de desconexão. Visto que são 17 comunidades quilombolas reconhecidas dentro do município, contrasta com o número de indivíduos que se identificam como tal ou conhecem a história de suas comunidades. Os resultados obtidos nos indicam uma lacuna na transmissão de conhecimento e identidade cultural entre gerações ou uma possível resistência à auto-identificação devido a diferentes fatores.

. Dos 97 participantes, 41 afirmaram não saber como funciona a organização de um quilombo. Outros 39 disseram ter algum conhecimento sobre a organização do quilombo, mas não sabiam muita coisa. 7 participantes indicaram saber como funciona a organização quilombola, enquanto 10 não souberam responder. Esses dados apontam para a importância de iniciativas que promovam a conscientização e valorização da herança quilombola, garantindo que o conhecimento seja preservado e transmitido às futuras gerações.



Por outro lado, foi questionado sobre o significado do termo “quilombola”, 86 participantes assinaram que é uma pessoa que vive em uma comunidade rural ou urbana, descendente de pessoas que foram escravizadas e que resistiram a escravidão. Por outro lado, 5 participantes associaram o termo a pessoas que vivem em comunidade ribeirinha, formada por agricultores e extrativistas que cultivam produtos orgânicos. Outros 5 acreditam que se refere a pessoas que vivem em comunidade urbana formada por imigrantes de diferentes países que vieram para o Brasil em busca de melhorias. E 1 participante assinalou que é uma pessoa que vive em uma comunidade litorânea, formada por pescadores e marisqueiros que dependem dos recursos naturais para sobreviver.

A pesquisa abordou a relevância de integrar as memórias das mulheres quilombolas do jongo no contexto educacional, 77 reconheceram a importância dessa ação, destacando o papel dessas mulheres na transmissão de saberes e fazeres do jongo para as novas gerações, mantendo viva a cultura quilombola. Outros 11 participantes salientaram que, por serem idosas e sábias da comunidade, essas mulheres acumulam experiências e histórias que merecem ser contadas. 5 apontaram importantes porque elas são as únicas que sabem cantar e dançar o jongo, sendo as protagonistas das festas e celebrações quilombolas. 4 participantes consideraram importantes porque elas são líderes políticas e religiosas da comunidade quilombola, tendo poder de influência sobre os demais membros

Os resultados da pesquisa evidenciam um reconhecimento generalizado da importância das mulheres quilombolas na preservação e disseminação da cultura do jongo. A maioria dos participantes valoriza a transmissão intergeracional de saberes, o que é fundamental para a sobrevivência de tradições culturais. A ênfase na sabedoria e nas histórias das mulheres mais velhas ressalta a necessidade de valorizar o conhecimento vivencial como parte do currículo escolar.



“A identificação de mulheres quilombolas como detentoras exclusivas de certos conhecimentos culturais aponta para a urgência de documentar e ensinar essas habilidades antes que se percam. Assim como também, a percepção de seu papel de liderança sugere que a inclusão de suas memórias no espaço escolar pode também inspirar futuras gerações a reconhecer e assumir posições de liderança em suas comunidades. É importante pensar, que essa análise destaca a importância crítica de integrar vozes e experiências das mulheres quilombolas no ensino, não apenas para preservar a cultura, mas também para fortalecer a identidade comunitária e o empoderamento feminino.”



QUINTA RODA

Visitas Técnicas à Comunidade Quilombola de
Linhaquinho



Visitas Técnicas à Comunidade Quilombola de Linharinho

Eu já ouvir falar muito do jongo, muitos falaram bem, mas muitos também falaram coisas ruins com por exemplo: “ ah, o jongo é coisa do diabo, fazem macumba, feitiço e etc”. Também já tive muita vontade de participar e também acho muito lindo as danças e o modo da cultura deles, porém com um pouco de medo por conta dos boatos ruins, mas quando fui conhecer realmente um pouco sobre a cultura do jongo com Dona Gessi, eu vi, ouvi coisa muito diferente do que já ouvir dos outros. Eu realmente achei uma experiência muito boa e diferente também. (...) Então, sendo bastante sincera eu amei bastante a experiência de ter ido lá e gostei bastante das palavras de Dona Gessi. O que eu mais gostei foi de uma canção que Dona Gessi cantou, achei muito lindo e diferente. Então, amei bastante de ter ido, se tivesse outras oportunidades de ir eu iria. (Estudante, T.J.P, 14 anos, 9º I³)



A partir da experiência da estudante na Comunidade Quilombola Linharinho podemos destacar um aspecto que é o conhecimento cultural. O valor significativo de vivenciar diretamente uma cultura para formar uma compreensão autêntica. Podemos notar que a estudante começou com uma percepção do jongo por influências por opiniões externas, algumas negativas e outras positivas, que incluem estereótipos e preconceitos. Porém, seu contato direto com Dona Gessi transformou essa percepção.

A experiência direta que a estudante teve com uma jogueira permitiu que ela superasse os boatos e medos infundados, substituindo-os por apreciação e entendimento. Assim, ouvir Dona Gessi, uma mulher jogueira serviu como um meio poderoso de conexão e expressão cultural, o que é evidenciado pelo impacto emocional que a canção teve sobre ela.



Fé



Territorialidade



Na visita técnica, os estudantes dos 9º anos | 1, | 2 e | 3 foram divididos em quatro grupos temáticos, cada um representando um pilar fundamental da identidade cultural quilombola. Desse modo, o primeiro grupo, denominado “Territorialidade”, buscou a conexão profunda entre as mulheres quilombolas e sua terra ancestral. Por outro lado, o segundo grupo, chamado “Fé”, mergulhou nas práticas espirituais e na religiosidade que sustentam a comunidade. O grupo “Narrativas”, que se dedicou a desvendar as narrativas e lendas que são transmitidas através das gerações. Por fim, o grupo “Jongo” aprofundou-se no estudo dessa dança envolvente e de sua importância como forma de resistência e afirmação cultural.

Narrativas



Jongo





A primeira visita técnica à Comunidade Quilombola Linharinho, realizada no dia 12 de abril de 2024, foi um marco significativo na jornada educacional dos estudantes. Foram 34 estudantes, acompanhados por mim, a supervisora, uma mediadora para um estudante com necessidades especiais e o fotógrafo. Chegamos ao Ponto de Memória de Santa Bárbara por volta das 8 horas: 30 minutos. O ar fresco da manhã e o doce sabor das acerolas colhidas pelos estudantes deram boas-vindas a todos (as), enquanto o aroma da defumação preenchia o ambiente, anunciando a riqueza da tradição do Ponto de Memória de Santa Bárbara. Nesse ambiente caloroso, fomos recebidos por Dona Gessi, a guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara, cujo sorriso cativante e presença acolhedora imediatamente nos fizeram sentir parte da comunidade. Depois de acomodar todos os estudantes, apresentei-os à Dona Gessi, enfatizando a sua importância e a do espaço que ela zela.

Assim, ela compartilhou conosco as histórias e a relevância do Ponto de Memória, e também nos apresentou a Almir, Teresinho da Comunidade Quilombola Angelim de Dentro e sua esposa Patrícia que também contribuíram significativamente com o processo.

A segunda visita técnica foi no dia 19 de abril de 2024. Saímos com 36 estudantes e duas professoras especializadas em atendimento a estudantes. Chegamos ao Ponto de Memória Santa Bárbara por volta das 8 horas e 20 minutos, onde fomos recebidos por Dona Gessi Cassiano, a guardiã do Ponto Memória e também estavam a professora Aissa da Universidade Federal do Espírito Santo, o fotógrafo que estava acompanhando, Léia da Comunidade quilombola São Cristovão, de São Mateus, Natan que é gerente na secretaria de cultura, quilombola da Comunidade de Santana e também jogueiro, Helen da Comunidade quilombola Santana, Teresino e sua esposa Patrícia da Comunidade Angelim de Dentro, Almir e depois chegaram Didito e sua esposa Letícia.





A meu ver, o segundo dia de visita técnica foi o mais emocionante. Fomos calorosamente recebidos por Dona Gessi, que nos acolheu no Ponto de Memória todo perfumado pela defumação. Comecei explicando nosso objetivo para aquele dia, destacando a importância de cada um presente naquele dia e a continuação das nossas atividades que havíamos iniciado em 12 de abril.

Passsei a palavra para Dona Gessi que expressou sua alegria em nos receber e a importância daquele encontro. Em seguida, convidou cada um dos convidados para se apresentar, falar um pouco da comunidade. Após as introduções, Dona Gessi nos guiou para fora, onde vivenciamos o ponto alto do dia, a apresentação da árvore Baobá, que emoção! Foi feito um grande círculo em volta da árvore, Dona Gessi compartilhou histórias, memórias, que momento profundo de grande emoção! Em seguida começamos a falar sobre o jongo.



SEXTA RODA

Vivências e Relatos: A Jornada dos Estudantes no
Ponto de Memória de Santa Bárbara



Vivências e Relatos: A Jornada dos Estudantes no Ponto de Memória de Santa Bárbara

Antes de eu conhecer o ponto de memória, eu achava que era um lugar com pessoas que batiam tambor para poder fazer macumba, mas quando eu fui lá no dia 19 eu vi que não era isso. No ponto de memória para eles é um lugar sagrado e muito importante para eles, o jongo para eles é uma manifestação cultural, eles dançam, batem o tambor para poderem dançar, até as crianças participam na verdade todo mundo participa não importa a idade. Eu achei o lugar legal, lá tem uns quadros que representa a religião deles, lá também tem umas santas que representam a religião deles, mas na verdade eles têm várias religiões, eles se divertem bastante dançando jongo, quem dança é as mulheres e quem bate os tambores é os homens, as mulheres podem bater tambor, os homens batem porque eles têm mais força, e eu gostei bastante de conhecer o ponto de memória. (I.B.O.M, 14 anos - 9º | 1)



Percebe-se que a experiência da estudante na comunidade revelou uma realidade cultural rica e diversificada. Antes, ela tinha uma percepção equivocada do ponto de memória, associando-o a práticas espirituais negativas. Porém, ao fazer a visita, descobriu que é um espaço sagrado e de grande importância cultural.



Antes de ter a experiência, já esperava ser uma chuva de conhecimento, e como o esperado realmente foi. Amei cada parte da pesquisa e Dona Gessi, achei muito interessante sua trajetória e a trajetória dos seus antepassados, irei levar isso para vida. Só me decepcionou foi que muitas pessoas não sabem da existência do quilombo ou olham com intolerância religiosa o que é uma coisa ridícula.
(M.E.M.C, 14 anos , 9º I²)

Bom, a experiência de está no local é única, sinceramente eu não esperava que trouxesse uma paz tão grande no coração. Gostei muito dos ensinamentos que dona Gessi transmitiu para a gente e espero voltar lá mais vezes. (K.S.B, 14 anos, 9º I²)



O primeiro estudante reflete uma experiência uma apreciação profunda pelo conhecimento adquirido, assim como também pela história de Dona Gessi e seus antepassado, destacando a importância de preservar e valorizar tais narrativas. Portanto, a estudante mostra-se uma preocupação legítima com a falta de conhecimento e a intolerância religiosa que ainda permeiam a percepção de muitos sobre comunidades quilombolas.

A fala da estudante K.S.B, de 14 anos traz uma reflexão positiva e emocionalmente significativa no Ponto de Memória, onde Dona Gessi é guardiã. A unicidade da experiência e o impacto inesperado que teve em seu estado emocional, trazendo-lhe paz. O Ponto de Memória de Santa Bárbara é um ambiente acolhedor e tranquilizador, capaz de provocar sentimentos de serenidade a quem visita. É importante destacar o apreço da estudante pelos ensinamentos de Dona Gessi, indicando que a interação foi não apenas emocional, mas também educativa.



Achei a minha experiência no Ponto de Memória muito diferenciada, nunca tinha visitado um lugar assim antes e achei incrível, em um único lugar ter pessoas contando diversas experiências sobre suas vidas. Lá é um lugar bem colorido com um altar variedades de cores, dessa forma transmitindo um sentimento de pura paz. Ao redor do local é percebido a forte presença de plantas, deixando o local ainda mais bonito. É nítido o quanto Dona Gessi ama o Ponto de Memória e o quanto esse lugar é importante pra ela. (E.A.F, 14 anos, 0º I²)

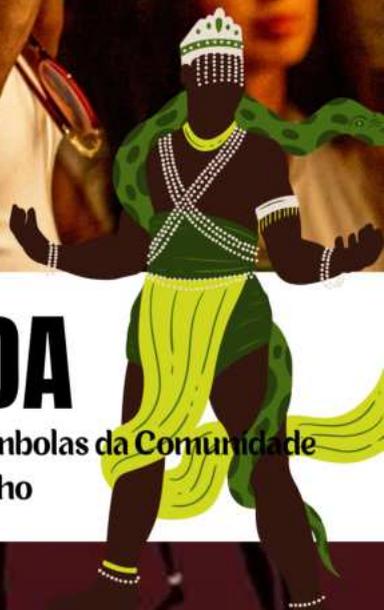


De acordo com a estudante o Ponto de Memória é único e incrível, ela destaca a importância do espaço que promova a interação, a oralidade e a transmissão de conhecimento, elementos fundamentais na preservação da cultura quilombola. Desse modo, o espaço cumpriu o papel de educar, preservar e celebrar a cultura local



SÉTIMA RODA

Memórias Vivas das Mulheres Negras Quilombolas da Comunidade
Quilombola de Linharinho



Memórias Vivas das Mulheres Negras Quilombolas da Comunidade Quilombola de Linharinho



As mulheres negras quilombolas da Comunidade de Linharinho, são mulheres que têm uma relação profunda com a natureza, elas preservam tradições, conhecimentos e práticas transmitidas de geração em geração. É preciso botar o ouvido na terra, ouvir as vozes dos ancestrais, compreendendo suas experiências, luta e sabedoria. É preciso uma escuta atenta para honrar e manter viva a memória daqueles que vieram antes de nós. Essas mulheres são repletas de memórias, saberes que são de grande importância para a Comunidade Quilombola de Linharinho.

Agora trazendo as quatro mulheres quilombolas, da Comunidade Quilombola de Linharinho, que desempenham um papel central nesta pesquisa, podemos perceber que a Memória Individual e a Memória Coletiva se tornam meios essenciais para essas comunidades construir e apresentarem a significação história, religiosa, cultural a outros grupos sociais e aos seus próprios membros.



(...)tudo isso que nois tinha a firmá tirou, tirou nossa água, tirou nosso solo, é por isso que fala, que antigamente dizia um território saudável, hoje existe no olhar das pessoas, território amaldiçoado, mas pela firmá é o eucalipto e a plantação de cana que caba com nosso solo. Gessi Cassiano - 12 de abril de 2024



(...) ser mulher quilombola e preta, é força, é garra e sempre seguir o caminho de cabeça erguida. Nunca abaixar a cabeça. Já abaixei a cabeça várias vezes. Mas hoje eu aprendo, já aprendi bastante, que eu não tenho que abaixar a cabeça pra ninguém, não. Eu tenho que pisar mesmo, então, eu piso na cabeça da serpente.
Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024



Na comunidade, minha relação é lutar junto com todos lá dentro, né? Lutar pelas coisas que a gente precisa, pelas coisas que é nossa, a gente dá ênfase na terra, né. Que a gente luta muito pelas terras, e trabalhar em união, também lá. A gente gosta muito de trabalhar unidos, né! Um sempre ajudando o outro, lá na comunidade. A minha relação é essa, né? Juliana Gomes dos Nascimento - 21 de junho de 2024



A principal luta é conseguir as terras tituladas que o povo que veio no passado comprou e acabou pegando a mais. Então, hoje em dia, é querer pegar de volta o que é dele. Ou seja, a Suzano, que hoje em dia é Suzano, que lá atrás não era Suzano, que teve vários nomes pra trás, o Vivaldo. Os outros que compraram a terra, quando eles vieram comprar, o que o povo fala é que eles vieram comprar um pedaço. "Ah, eu quero dois hectares". Eles não pegavam dois hectares, eles pegavam quatro. Então, eles pagavam por dois, mas era quatro. Então, hoje em dia, é mais ter essa posse da terra titular em mãos do que é dele, do que é nosso, o direito. Essa é a principal hoje em dia que nós temos. Leifícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024

2024

O Jongo como saber ancestral feminino

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
<p>Quando ela é dançada com a sabedoria que deve ser, hoje as pessoas dançam para se amostrar. Porque o jongo é dor, alegria e sofrimento. É duas coisas ligada à ancestralidade o couro e a madeira, o couro é um alimento e no mesmo instante é uma criação abençoada, porque o couro tem que ser de boi e a madeira é a natureza, é a madeira (...).</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>
<p>(...) A gente trabalhou por um tempo com o jongo de Santa Bárbara, não somente na dança, nos tambores, na cantiga, mas também como história, né? Foi também como história pra gente também, com as meninas.</p>	<p>Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024</p>
<p>É uma dança de liberdade. A gente, quando está dançando lá a gente se sentia tão liberto, eu acho que é porque já vem do povo da gente de antigamente, né? Quando eles tinham alguma vitória, os escravos tinham alguma vitória, que ia dançar e ia bater o tambor. Aí a gente já veio com aquilo, que quando batia o tambor, a gente já começava a dançar na roda.</p>	<p>Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024</p>
<p>Além da cultura, a amizade, a alegria de brincar, de estar reunido, de mostrar para o mundo a nossa cultura, a nossa realidade, que a gente olhe, a gente já foi em vários lugares e já fomos muito aplaudidos. Tipo, a gente nunca espera isso, ser reconhecido na nossa cultura e que na comunidade você reconhecido: "olha o jongo, esse jongo é do Linharinho". Eles falam assim: "ah, o jongo é diferente, né?" "É diferente". "Mas por que é diferente?" "Ah, porque a gente mistura o jongo, aquele jongo que é o jongo mais tradicional, com um pouco de dança africana". Entendeu?</p>	<p>Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024</p>
<p>(...) O jongo você segura aqui na ponta da bainha, a saia ela tem que ser rodada, porque você suspende o lado e aqui ela cria barreira, atrás ela cria barreira, no tudo que você faz isso é que a saia que tem fazer o movimento, às vezes você só faz isso, a saia é que tem que fazer o movimento. E hoje eles suspendem a saia pra rodar.</p>	<p>Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024</p>

As falas das entrevistadas revelam uma profunda conexão com o jongo, uma dança tradicional africana, que se tornou parte essencial da herança ancestral dessas mulheres quilombolas. Evidencia-se uma profunda ligação ancestral, sendo transmitido oralmente, preservando memórias e tradições.

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
(...) vou botar com <u>dois mês</u> de nascida, eu fui representada, pra ela, na Mesa de Santa Bárbara, agora pra quem eu não sei, na Mesa de Santa Bárbara. Quando eu completei três meses, eu tive que ser batizada, na Mesa de Santa Bárbara.	<u>Gessi Cassiano</u> – 23 de Março de 2024
(...) Aí, eu tenho muitas memórias dela no terreiro dela, que era uma casa que era pertinho da casa dela, ainda tem até hoje. Algumas pessoas fazem festa de Cosme e Damião lá. E eu <u>lembro dela</u> sempre trazendo bala pra gente, para eu e minha irmã, doces também, e sempre ensinando alguma coisa que ela aprendia, alguma coisa nova, igual falei sobre as ervas medicinais, sobre os banhos que curam, os banhos que dão alívio.	<u>Luandra Gomes dos Santos</u> - 19 de abril de 2024
(...) Lá na minha comunidade, eu, tem várias outras culturas <u>nê</u> ? Tem quem mexe com <u>condombré</u> , tem um que é da religião católica, hoje até, era tudo misturado, mas hoje até que deu uma separada que eu não entendi o <u>porquê</u> . Mas eu, eu mesmo, hoje em dia, eu sou mais na igreja católica. Minha religião é lá na igreja católica, sou devota de Santa Bárbara, <u>nê</u> ? Mas não quer dizer que eu já participei de outra, não, que eu já. Lá minha avó, tinha o centro dela, não tem? E aí a gente participava.	<u>Juliana Gomes dos Nascimento</u> – 21 de junho de 2024
(...) Porque a gente sabe que a gente <u>vive</u> , aquilo ali é como se a gente tivesse um pouco da matriz africana do povo que veio da África pra gente, onde a gente está permanecendo, mostrando que a fé da comunidade não morreu em relação ao que o povo africano trouxe. E a gente está cultivando algo dos nossos ancestrais, que veio lá do passado, lá do povo que veio, quando veio pra vida pro Brasil da África.	<u>Leticia dos Santos Nascimento</u> - 18 de abril de 2024
(...) <u>Agora</u> são coisas das entidades e a gente não procura muito entrar por esse lado, porque eu acho assim, se uma entidade vem, te avisa, te fala tudo <u>oque</u> você tem que fazer, você tem que fazer. Que se for pra você saber, ela não vai lhe falar. Porque eu aprendi assim, que tudo que eu ia perguntar meu pai mais minha mãe, o que eles diziam? “Faça e observa que com tempo você vai saber”. Então, <u>não</u> é coisa de momento d’eu tá perquntando, eu tenho que fazer.	<u>Gessi Cassiano</u> – 23 de Março de 2024

As falas dessas mulheres negras quilombolas revelam uma profunda conexão entre fé, espiritualidade e ancestralidade. Percebe-se que Dona Gessi relata que foi “apresentada” a Mesa de Santa Bárbara desde os primeiros meses de vida. Luandra por sua vez, fala sobre as festas de São Cosme e Damião, bem como sobre as ervas medicinais, os banhos curativos. Essas práticas refletem a conexão que há com a espiritualidade e os ancestrais e como essa conexão é importante para a construção de sentido em suas vidas e como essas práticas elas são transmitidas de geração em geração, preservando a sabedoria ancestral.

MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
Dentro do quilombo, a igreja Santa Bárbara, ela foi criada por conta do bispo, foi feito um acordo, um acordo ancestral, aqui no Linharim, que nunca tirasse o tambor da igreja. Era a última igreja na região que batia tambor, a última igreja na região que batia tambor era o Linharim. Seja lá a missa, seja lá o culto, seja lá a festa, mas primeiro tinha que bater o tambor.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024
(...) Nossa lansã, que Santa Bárbara, ela é a rainha dos trovões, né? A história dela, que me contavam, é que ela foi achada, a imagem dela, foi achada em um canal. E... queimou as canas todas e só ela que ficou lá, perfeita. E ela foi trazida pra dentro da nossa comunidade. Nós, não tinha nem um santo padroeiro lá dentro não. E ela foi nossa santa padroeira. Porque eles encararam ela como se fosse um milagre. Se ela veio até nós, então nós tínhamos que acolhê-la pra nós.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Quando eu já fui crescendo, eu já fui crescendo nessa comunidade de Santa Bárbara e tudo. Minha relação com ela... das histórias que eu fiquei sabendo é que ela não tinha um lugar pra ficar. Ela ficava na casa de um, na casa de outro, né? Tanto que ela é uma Santa Bárbara que usa vestido, tem cabelinho e tudo, né? Ela ficava na casa de um, ficava na casa de outro, na casa de outro, na casa de outro. Aí contam a história, o pessoal conta que o meu avô, né? Na época falou que não queria mais a Santa Bárbara dançando que ia dar um pedaço de terra pra Santa Bárbara ficar, que é onde a igreja hoje é.	Juliana Gomes dos Nascimento – 21 de junho de 2024
(...) Santa Bárbara, a importância, eu vejo que foi algo que foi deixado pra gente, algo histórico, é que há muitas dúvidas, há muitas coisas que é pra ser descoberta, é pra ser entendida e deixar explícito e não temos. E esse conhecimento, ele tá ficando com poucas pessoas que só tem acesso, por falta de interesse dos próprios jovens da comunidade, inclusive o meu.	Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
Era o tambor e o pandeiro. Na hora da missa, eu botava todo mundo pra dançar no barco do pandeiro. Porque aqui batia o tambor na igreja, celebrava o dia todo. A noite ia pro terreiro da minha avó aqui, do outro lado dessa estrada.	Gessi Cassiano – 23 de Março de 2024

Considerando as memórias orais expostas pelas entrevistadas, percebemos o quanto a história de Santa Bárbara é rica e cheia de significados quando consideramos as diferentes perspectivas e tradições. Algumas das entrevistas veem a santa como rainha dos trovões, associando ao orixá lansã, outras destacam sua origem cristã. É importante perceber que essa multiplicidade de visões reflete a riqueza cultural e a complexidade de devoção a essa santa. Assim como também, o fato de colocar cabelos de mulheres da comunidade na imagem cria um legado e reforça sua importância como protetora e guardiã.

A infância na comunidade

MEMORIAS	ENTREVISTADAS
(...) foi uma infância muito boa, eu tenho grande lembrança, porque é muito bom viver em uma comunidade tradicional na qual você se reencontra, na qual você sabe como é ser negro, como é ser quilombola. E desde pequena eu ajudava sempre meu pai na agricultura, é, meus pais no caso, minha mãe, meu pai. Meu pai, ele, trabalha com farinha de mandioca, então eu e minha irmã sempre ficava lá ajudando ele na farinheira, raspando mandioca, ou ajudando minha mãe na hortalça.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Saudade. Tenho saudade. Pique-esconde , cobra seca, jogava queimada, muita coisa. Subia nos pés de árvore, comia frutas. Era muito bom.	Letícia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) Já às vezes as pessoas encaram isso como um trabalho infantil, mas pra dentro da comunidade não é um trabalho infantil, é um aprendizado também. Então minha infância foi exatamente isso, uma infância é muito boa, uma infância que eu guardo grandes lembranças do que eu vivi, e das brincadeiras, das artes que a gente fazia, de como a gente carregava água na cabeça do poço até nossa casa, porque antigamente a gente... eu falo antigamente porque eu tenho 28 anos, antigamente a gente não tinha a bomba d'água, mas a gente tinha um poço, né, lá perto e a gente carregava água até nossa casa. Então era uma infância que eu tenho muitas lembranças boas, não lembranças ruins.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024

É interessante perceber como a infância na comunidade quilombola para as entrevistadas foi importante e que os aprendizados adquiridos elas irão levar para o resto da vida. Luandra revela que foi uma infância “muito boa”, assim como também destaca as vivências dentro de uma comunidade, e enfatiza o reencontro consigo mesma e a compreensão de como é ser negro dentro da comunidade.

Observa-se que o trabalho é visto como aprendizado valioso, como a participação ativa na agricultura, ajudando seu pai na farinheira e raspando a mandioca, revelam a transmissão de saberes e tradições familiares. As brincadeiras mencionadas por Letícia nos trazem a conexão com a natureza e diversão.

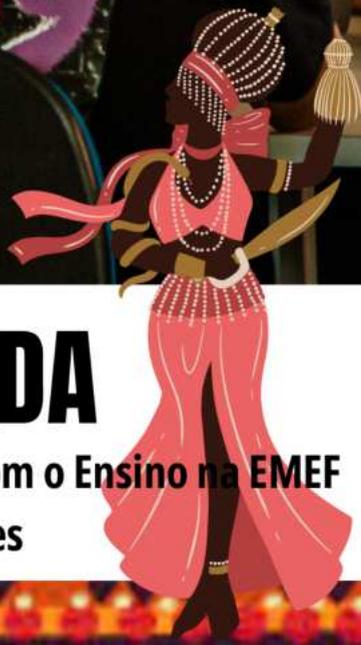
MEMÓRIAS	ENTREVISTADAS
A parte boa da minha infância, porque eu estudei, antigamente era de 1ª a 4ª série que falava, eu estudei dentro da minha comunidade. Eu comecei a estudar lá com 5 anos de idade. Estudar, assim, de fazer prova, não. Estou falando de estudar, de ficar sentada lá só ouvindo a professora falar. Minha primeira professora foi Benedita Cassiano. Ela me deu aula até a 4ª série. E era muito bom Wallace, porque a gente não só aprendia português e matemática, a gente aprendia a história da comunidade.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) Igual hoje, minha filha estuda lá e ela aproveita, ela sabe mais coisa que eu, né? Da comunidade, assim: "mãe, a minha escola é do campo, mãe, isso aqui". E eu já não tinha essa visão na minha época, porque eu não estudava muito sobre a nossa comunidade.	Juliana Gomes dos Nascimento - 21 de junho de 2024
Quando eu estudei lá, é naquela época que falavam que era até a quarta série, que hoje em dia é quinto ano. Aí eu estudei lá até a quarta série. Mas como não tem mais a partir do sexto ano, aí a gente veio estudar na Barra, então a gente vinha todo dia, ia e vinha, mas o ensino fundamental até a quarta série foi na comunidade de Linhares, na escola Linharinho.	Leticia dos Santos Nascimento - 18 de abril de 2024
(...) E até hoje, a professora de lá, se você der um tempinho e for visitar, não sei se você foi visitar lá, tem um mapa enorme dentro da sala da história da comunidade, tem coisas... artesanatos de dentro da comunidade, que ela mostra para os alunos, que alguns alunos de hoje em dia são alunos de fora que moram lá, vou falar assim: como invasores, mas mesmo assim ela tenta colocar esse legado, já que a escola é dentro da comunidade, por que não mostrar a realidade nossa, por que não falar da história da comunidade?	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024
(...) escola na comunidade foi um momento muito importante pra mim. E elas também vou falar pra você, que elas preparam muita gente, assim, na minha época, né. Preparava muita gente pra escola da cidade, que a gente falava, né, pra escola da cidade.	Luandra Gomes dos Santos - 19 de abril de 2024

A partir das falas das entrevistadas, podemos perceber a relevância e a singularidade da Educação Escolar Quilombola dentro da comunidade. Luandra destaca práticas educativas que valorizam a história e a cultura local, pois a educação na comunidade transcende os limites da sala de aula, trazendo recursos como mapa, artefatos que conecta o estudante com a história da comunidade. Letícia enfatiza a preparação e o pertencimento, pois a preparação não se limitava ao conteúdo formal da escola, mas também incluía a consciência de pertencer ao quilombo e sua importância.



OITAVA RODA

O Entrelaçar da Educação Quilombola com o Ensino na EMEF
Dr. Mário Vello Silveiras



O Entrelaçar da Educação Quilombola com o Ensino na EMEF

Dr. Mário Vello Silveiras

O artigo Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola, de Araújo; Andrade; Reginaldo; Cassiano (2020, p. 92):

Nessa compreensão é possível entender que trabalhar a Educação Quilombola se refere às diferentes formas que, considerando os contextos da Educação, ampla, diversa, garantida pela LDBN 9394/96 (BRASIL, 1996) e que compreendam currículos que contextualizem e referenciem a história da população afro-brasileira nos territórios devidamente reconhecidos pelos sujeitos que lá estão, pela tradição familiar quilombola independente da força da lei. (ARAÚJO; ANDRADE; REGINALDO; CASSIANO 2020, p. 92):

Considerando o exposto, percebemos que a Educação Quilombola deve ser vista dentro de um contexto mais amplo, na qual reconhece a diversidade de experiências educacionais e a necessidade de um currículo mais inclusivo.

Desse modo, os conteúdos devem refletir a trajetória, cultura e contribuições dessa população, especialmente nos territórios quilombolas, considerando a vivência e a identidade desses sujeitos.

Outro ponto que merece destaque é o Currículo da Educação Escolar Quilombola que deverá levar em consideração os aspectos gerais indicados nas Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica, assim como um currículo flexível e aberto que reconheça as particularidades das comunidades quilombolas e se referenciar nos valores das comunidades. Entretanto, a Educação Escolar Quilombola deve superar os limites:

ao dialogar e inserir os conhecimentos tradicionais em comunicação com o global, o nacional, o regional e o local, algumas dimensões deverão constar de forma nuclear nos currículos das escolas rurais e urbanas que ofertam a Educação Escolar Quilombola ao longo das suas etapas e modalidades: a cultura, as tradições, a oralidade, a memória, a ancestralidade, o mundo do trabalho, o etnodesenvolvimento, a estética, as lutas pela terra e pelo território. (BRASIL, 2012, p. 42)

Sob essa ótica, a Educação Escolar Quilombola integrará os saberes locais das comunidades em articulação com o saber escolar, sem hierarquização. Assim, “Valorizar o passado e recriar o presente tem sido um dos caminhos na construção da identidade quilombola” (BRASIL, 2012, p.42).

O Parecer CNE/ CEB nº 2/2020 que complementa e atualiza as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na Educação Básica destaca que a:

Educação Escolar Quilombola foi pensada para os povos negros, com elementos de suas identidades, raízes ancestrais, recuperando e valorizando saberes tradicionais e sua implementação é acompanhada por consulta prévia, do poder público às comunidades, suas organizações e lideranças, considerando os aspectos normativos institucionais e burocráticos que sustentam as políticas públicas. (BRASIL, 2020, p. 4)

Dessa forma, a Educação Escolar Quilombola deve levar em conta os elementos da identidade, ancestralidade e sabedoria tradicional, valorizando e recuperando a história e cultura. Assim como também, a implementação da Educação Escola Quilombola requer a participação e a consulta das comunidades quilombolas, das suas organizações e lideranças.

De acordo com as Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p. 141) o que se deseja, "(...) é que o processo educativo formal contemple a perspectiva de dar sentido aos conteúdos, à aprendizagem, ao conhecimento. (...) na relação com a sua natureza histórica e cultural consigam portar-se, manter-se e situar dentro da sua comunidade". Assim, a Educação Escolar Quilombola promove uma compreensão profunda e conexão com a realidade vivida.

Conforme discutido nas Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais (2006, p.147):

O contato com a terra, com o ambiente, com a natureza nas comunidades quilombolas que dispõem de seu espaço próprio, de seu território, sugere uma ideia de que homens, mulheres e ambientes se constituem tanto como diferenciações, como extensões e complementaridades. Este perceber-se evoca uma relação menos estilhaçada com a natureza, com a vida; está relação de interdependência, de reciprocidade, de diálogo é a perspectiva que se pode denominar "interdisciplinar", pressuposto didático-pedagógico que abarca a consequentemente, compromissos, se os sujeitos neles não se encontrarem, também como complementaridades. (Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais 2006, p.147)

A Educação Quilombola valoriza a conexão da comunidade com a terra, o ambiente natural e a cultura local. Vale dizer que isso, envolve não apenas ensinar o conteúdo formal, mas conhecimentos tradicionais, práticas sustentáveis e respeito pelas tradições ancestrais. Isso significa a ideia de interdisciplinaridade, como um pressuposto didático-pedagógico, que possa integrar diferentes áreas do conhecimento, como saberes tradicionais, históricos, ambientais, sociais precisam coexistir e dialogar, enriquecendo a experiência na Educação Escolar.



NONA RODA

**Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação
Quilombola**



Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola



A Educação Escolar Quilombola deve ser sensíveis às narrativas, à cultura e à ancestralidade, promovendo uma abordagem criativa e contextualizada. São fontes de conhecimentos, que permite situar os estudantes no mundo, compreendendo suas raízes e que possam construir suas identidades.

Pensando nisso, esse entrelaçar da Educação Quilombola com o ensino na EMEF. Dr. Mário Vello Silves foi um processo rico, grandioso e transformador. Foram feitas duas visitas a Comunidade Quilombola Linharinho, especificamente no Ponto de Memória Santa Bárbara, os estudantes dos 9º 11, 9º 12 e 9º 13 tiveram a oportunidade de vivenciar essa educação em primeira mão, interagindo com Dona Gessi Cassiano, guardiã do Ponto de Memória.

As experiências na Comunidade proporcionaram aos estudantes um contato direto com as tradições, fé, histórias e saberes quilombolas, que posteriormente foram trazidos para a sala de aula. Na Educação Escolar Quilombola, os estudantes participaram de atividades pedagógicas, valorizando as narrativas coletadas durante as visitas. Desse modo, esse entrelaçamento entre vivências reais e práticas educacionais fortalece a identidade, promovendo a valorização da diversidade e contribui para uma educação mais significativa e inclusiva.



PLANO DE AULA 1

Título da aula: Visita Técnica nos Pontos de Memórias da Comunidade Quilombola Santana e Comunidade Quilombola Linharinho.

Turma/Ano: 9º ano Ensino Fundamental II

Turno: Matutino

Quantidade de estudantes: 70 estudantes

Habilidades da BNCC: (EF69LP01 / EF09LP01 / EF69LP08/ EF89LP08/ EF89LP09/ EF69LP10/ EF69LP12 - Língua Portuguesa).

Tema Integrador : TI07) Educação das Relações ÉtnicoRaciais e Ensino de História e Cultura, (TI03) Educação Ambiental, (TI17) Povos e Comunidades Tradicionais, (TI19) Diálogo intercultural e interreligioso, (TI13) Diversidade Cultural.

OBJETIVOS DA AULA:

- Conhecer a história e cultura das Comunidades Quilombolas Santana e Linharinho;
- Entrevistar Dona Gessi Cassiano Mestre do Jongo de Santa Bárbara e guardiã do Ponto de Memória de Santa Bárbara.

METODOLOGIA DA AULA:

Visita Técnica ao Ponto de Memórias de Memória de Santa Bárbara cada visita teve duração 3 horas e 30 minutos . Os estudantes foram divididos em grupos de quatro, cada grupo elaborou um roteiro de perguntas para a entrevista com Dona Gessi Cassiano. Eles tiraram fotos e gravaram áudios e vídeos, com autorização prévia dos entrevistada da comunidade. Após as visitas os estudantes fizeram as transcrições e discussão sobre as informações coletadas.

AVALIAÇÃO DA AULA:

A avaliação da aula será feita de forma contínua e processual levando em conta os seguintes critérios:

- Participação e interesse dos estudantes na visita técnica e atividade prática;
- Qualidade e relevância das informações coletadas na entrevista e na observação da comunidade.



PLANO DE AULA 2

Título da aula: Multiverso Cultural: Música, Jogos e Literatura.

Turma/Ano: 9º ano Ensino Fundamental II

Turno: Matutino

Quantidade de estudantes: 70 estudantes

Habilidades da BNCC: (EF69LP04/ EF89LP07/ EF69LP10/EF69LP17/ EF69LP19/ EF89LP36/ EF69LP52 Língua Portuguesa

Tema Integrador : TI07) Educação das Relações ÉtnicoRaciais e Ensino de História e Cultura, (TI03) Educação Ambiental, (TI17) Povos e Comunidades Tradicionais, (TI19) Diálogo intercultural e interreligioso, (TI13) Diversidade Cultural.

OBJETIVOS DA AULA:

Explorar a diversidade de formas artísticas e expressivas, como música, jogos, podcasts, poemas e crônicas, para desenvolver a compreensão cultural e a criatividade dos estudantes, promovendo habilidades de análise crítica e apreciação estética.

METODOLOGIA DAS AULAS:

- apresentamos aos estudantes os diferentes gêneros artísticos que serão trabalhados: música, jogos, podcasts, poemas e crônicas.
- Cada grupo ficou focado em um dos gêneros artísticos.
- Cada grupo escolheu um gênero específico para traduzir as informações coletadas.
- Os estudantes utilizaram os Chromebooks da escola para acessar o Canva.
- Foi criado um layout comum no Canva para todos os grupos tivessem acesso, facilitando a organização e a uniformidade das atividades.
- Cada grupo apresentou seu trabalho final para a turma, explicando o processo de criação e a importância da cultura quilombola retratada.

AVALIAÇÃO DA AULA:

- Qualidade e relevância das produções escolhidas pelos estudantes;
- Criatividade e coerência na organização das atividades;
- Reflexão e sensibilização dos estudantes e das outras pessoas sobre as memórias e narrativas para mulheres quilombolas.

CRONOGRAMA DAS ATIVIDADES A SEREM DESENVOLVIDAS

Este cronograma serve como uma proposta inicial para as atividades planejadas. É importante ressaltar que esta agenda é flexível e pode ser adaptada conforme as necessidades do projeto e a disponibilidade dos participantes. Alterações podem ser feitas para acomodar imprevistos ou oportunidades que surjam durante o desenvolvimento das atividades.

DATA	ATIVIDADE	Observação
10/04/2024	Divisão dos grupos – 4 grupos – 6 estudantes em cada grupo	Cada grupo recebeu um nome: Grupo 1 Territorialidade/ Grupo 2 Fé, Grupo 3 Narrativas e Grupo 4 Jongo
11/04/2024	Questionário Diagnóstico – Estudantes e funcionários da escola	
12/04/2024	Questionário Diagnóstico – Estudantes/ Funcionários da escola	
12/04/2024	Primeira visita técnica na Comunidade Quilombola Linharinho – Estudantes	De cada grupo foi para visita técnica 3 estudantes, em virtude do transporte cedido pela secretaria de educação.
19/04/2024	Segunda visita técnica na Comunidade Quilombola Linharinho – Estudantes	
22/04/2024	Organização das informações/ Transcrição.	O processo de Transcrição foi todo feito em casa pelos estudantes
23/04/2024	Discussão das informações coletadas	
24/04/2024	Construção das atividades realizada em sala de aula	
25/04/2024 a 03/05/2024	Construção das atividades realizada em sala de aula	Os estudantes usaram os cromybook da escola para a confecção das atividades
10/05/2024	Construção das atividades em sala de aula	
24/05/2024	Apresentação das atividades realizadas pelos estudantes	

UMA JANELA DE POSSIBILIDADES

Elaborar práticas pedagógicas antirracistas que valorizem a Educação Quilombola não é uma receita de bolo pronta. Cada sala de aula é única, cada realidade é singular. O objetivo é trazer algumas referências e possibilidades de como trabalhar essas práticas em sala de aula.

As atividades propostas neste Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracistas para a Educação Quilombola foram construídas pelos adolescentes da EMEF Dr. Mário Vello Silveiras, tanto no espaço da escola quanto fora dela. As vivências ocorreram durante visitas técnicas à Comunidade Quilombola Linharinho, mais especificamente no Ponto de Memória de Santa Bárbara, sob a guarda de Dona Gessi Cassiano. A partir dessas experiências no quilombo, os estudantes exploraram a interseção entre a Educação Quilombola e a Educação Escolar, rompendo com a ideia de um currículo fechado, eurocentrado e homogêneo.

Essas narrativas coletadas no Ponto de Memória de Santa Bárbara são uma celebração de histórias, das pessoas e da cultura que formam o tecido vibrante dessa comunidade quilombola.

Os estudantes elaboraram diversas atividades, tais como:

- História em Quadrinho - Dona Gessi e seus ensinamentos
- Blog - Ervas ancestrais
- Terri Blog
- Crônica Ancestral
- TerritoriCast - Podcast
- Quilombo Literário
- Game Screen
- A tela animada - Caminhos da Fé
- O grande recomeço
- Plantas medicinais quilombolas
- As Jongueiras
- Vlog - Fé Quilombola
- Chamas da memória: O incêndio no quilombo
- Ponto Cast
- Jongo Capixaba
- Meu lugar sagrado
- Como dançar jongo

As práticas pedagógicas se fundamentam na decolonialidade e no antirracismo, promovendo um diálogo com as orientações normativas e curriculares exigidas para todas as escolas brasileiras.

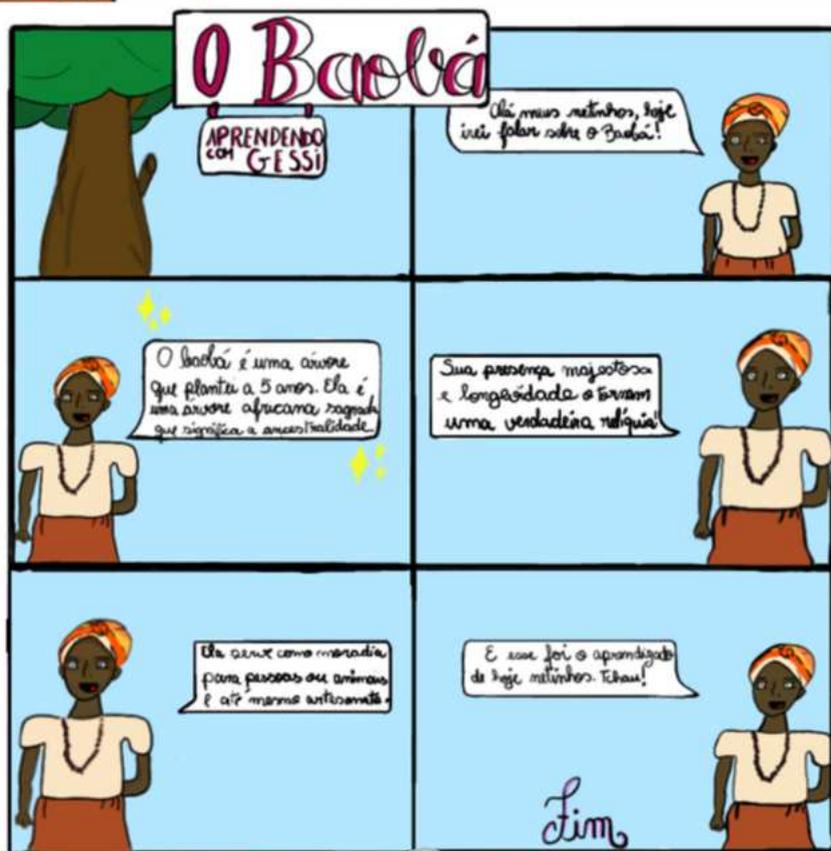
História em QUADRINHOS

DONA GESSI E SEUS ENSINAMENTOS



Olá, nesta história em quadrinhos, temos a personagem Dona Gessi destacando a natureza impressionante do baobá, uma árvore repleta de simbolismo cultural. Com sua estatura imponente e sua incrível capacidade de sobreviver por séculos, o baobá se destaca como um monumento natural de grande valor. Seria maravilhoso divulgar ainda mais sobre o seu papel significativo.

Por:
Maria Eduarda M. da C. de Azevedo
Alana Vitória dos Santos
Cauan Clarindo da Silva Alves
João Victor Braga do Nascimento
Vinicius da Silva Calixto
Luiz Afonso de Roma Guimarães Lopes



ERVAS ANCESTRAIS



**Conheça mais sobre
o nosso blog, acesse
o QR Code.**

**Olá meu nome é Dona Gessi e nesse
blog será explicado um pouco sobre
as ervas medicinais, a sua
importância e como utilizá-las.**



Por:
Maria Eduarda M. da C. de Azevedo
Alana Vitória dos Santos
Cauan Clarindo da Silva Alves
João Victor Braga do Nascimento
Vinicius da Silva Calixto
Luiz Afonso de Roma Guimarães Lopes
Betina Naves de Oliveira
Sarah da Silva Gama



TERRI BLOG

blog

Para saber mais, acesse
o QR Code.
E conheça o nosso blog.



Por

Maria Eduarda E. Santos

Laura R. Vasconcelos

Davi Emanuel Z. da Cruz

Thayne Gabrielle dos S. Campista

Thiago Miguel dos S. Guimarães

Vitor Hugo B. Suldino

Crônica Ancestral



No Linharinho, há uma casa de grande importância para a cultura quilombola, local onde se encontra o "Ponto de Memória", cuidado pela zeladora Dona Gessi, ela nos Conta a história única deste lugar, onde seu pai e seus antepassados escolheram se refugiar dos capatazes após fugirem dos senhores.

Este local era um alto refugio estratégico para evitar a chegada dos capatazes, tornando-se o local de vida para diversos refugiados, ele abrigou mais de 10 mil famílias em seu auge. Com o passar do tempo, a população diminuiu drasticamente, que se tornou 300 famílias. Entre os tesouros locais está o baobá, uma árvore sagrada para os povos e seus ancestrais onde no futuro poderá ser habitada. Dona Gessi relata como plantou suas raízes neste solo fértil. Ao decorrer do tempo o solo se tornou menos fértil, graças a firma que Tirou seu cultivo, até que um dia um amigo de Dona Gessi trouxe a história emocionante desta árvore, destacando a magnífica ancestralidade que ela representa para sua comunidade.

A cada palavra, Dona Gessi transborda de orgulho e reverência pela história que guarda, e pela cultura que preserva. Ela nos leva a conhecer os rituais que ainda são realizados em torno do baobá, onde as gerações mais jovens aprendem com os mais velhos a importância de manter viva a chama das tradições.

Ela fala com carinho das festas e celebrações que ocorrem ao longo do ano, onde a música, a dança e a culinária típica são elementos indispensáveis. A casa, com suas paredes recheadas de memórias, é um ponto de encontro, um espaço de resistência e um símbolo de identidade para todos os quilombolas.

Apesar das dificuldades e desafios enfrentados ao longo do tempo, Dona Gessi destaca a resiliência de sua comunidade. Eles continuam a lutar pelo reconhecimento de suas terras e direitos, e pela valorização de sua cultura, que é um patrimônio inestimável.

O "Ponto de Memória" não é apenas um museu ou um local de visitação, mas um espaço vivo, onde o passado encontra o presente e onde se constrói o futuro. É um testemunho da força e da determinação de um povo que, mesmo diante das adversidades, mantém-se firme na preservação de suas raízes e tradições.

A história de Dona Gessi e do "Ponto de Memória" é um convite a todos para conhecer e valorizar a riqueza da cultura quilombola, um lembrete de que a história é feita de muitas vozes e que cada uma delas merece ser ouvida e celebrada.

Por

Maria Eduarda E. Santos

Laura R. Vasconcelos

Davi Emanuel Z. da Cruz

Thayne Gabrielle dos S. Campista

Thiago Miguel dos S. Guimarães

Vitor Hugo B. Suldino



PODCAST

Para desfrutar desse conhecimento
Acesse o qr code



Nesse podcast, o Territoricast, vai abordar sobre o seguinte tema, "quais os desafios enfrentados na comunidade Linharinho", é um podcast curto mas cheio e repleto de conhecimento que adquirimos com dona Gessi Cassiano.



ON AIR



Quilombo literário



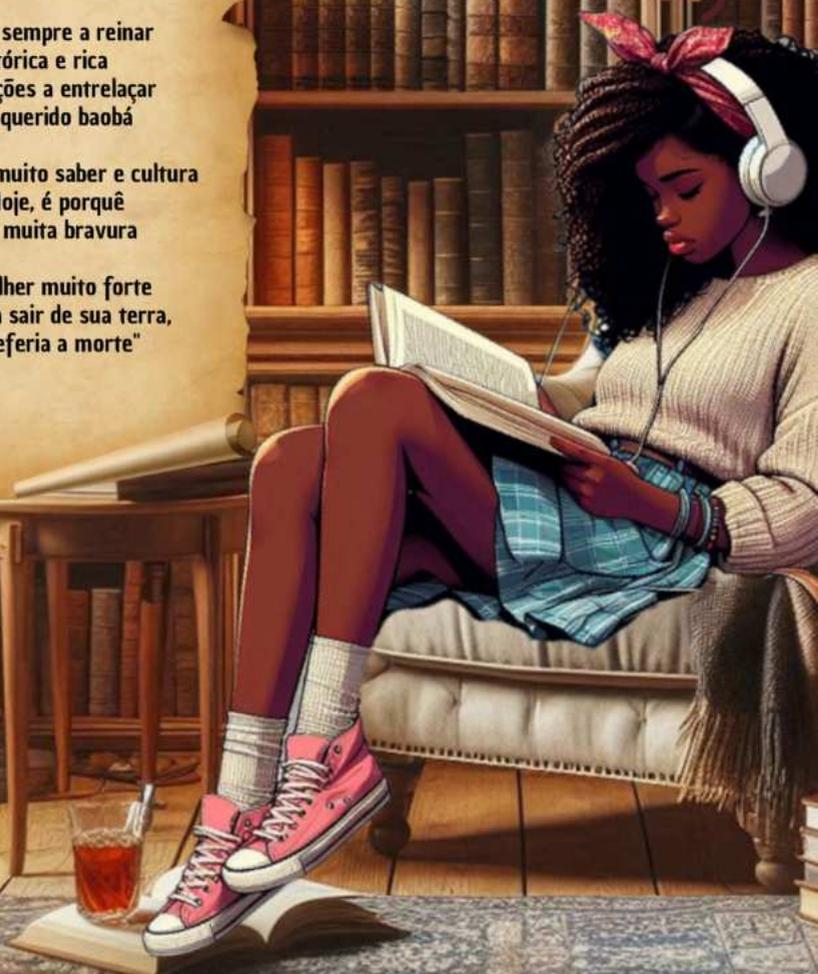
Em terras negras de resistência e memória,
Erguem-se quilombos, raízes de nossa história.
Espaço sagrado de luta e tradição,
Solo fértil onde floresce a vida e a união.

Nas terras africanas sempre a reinar
Uma árvore histórica e rica
suas raízes nos corações a entrelaçar
Ó nosso, grande e querido baobá

Linhaquinho, uma terra de muito saber e cultura
se ela existe até Hoje, é porquê
foi preservada com muita bravura

Dona Gessi, uma mulher muito forte
ao perguntar se queria sair de sua terra,
ela respondeu , "preferia a morte"

Olá!! Me chamo Lucy
Te convido a ler uma bela poesia
que fala sobre o quilombo
Linhaquinho,
e dona Gessi, espero que goste,!!



Game screen

Acesse o QR code abaixo!



Tutorial de como abrir o jogo!

[https://youtu.be/6D7yhDqFs58?
si=7ekfF36A209D1JCM](https://youtu.be/6D7yhDqFs58?si=7ekfF36A209D1JCM)

Embarque em um mundo de descobertas sobre o Quilombo, venha jogar o Ancestral Faith e se deliciar em descobertas incríveis!

Por:
Diogo Thaylon
Isabella Mulim
Jonh Nicolas
Larah
Laysa
Sophia Nicolly
Wenderson.



A tela ANIMADA

Caminhos da fé

Olá, nesta animação vamos falar sobre a fé dentro do Quilombo, sobre a intolerância religiosa, como é difícil ter uma religião que é vista pelas pessoas como algo negativo e as discriminações que ela sofreu dentro e fora do Quilombo.



Por:
Diogo Thaylon
Jonh Nicolas
Larah
Laysa
Sophia Nicolly
Wenderson



o grande recomeço

Por:
Eduarda das neves
Heloiza Souza
Isabella Mulim
Isabella Lacerda
Lucas Fonseca.

Olá, na nossa história em quadrinho vamos falar sobre o atentado que aconteceu no ponto de memória. Dona Gessi não acreditou que alguém faria uma coisa dessas, ela até salva alguns quadros que não queimaram. Mas no final dá tudo certo e nós temos um novo ponto de memória !!!! Esperamos que gostem da nossa história em quadrinho!!



**SPECIAL
EDITION**



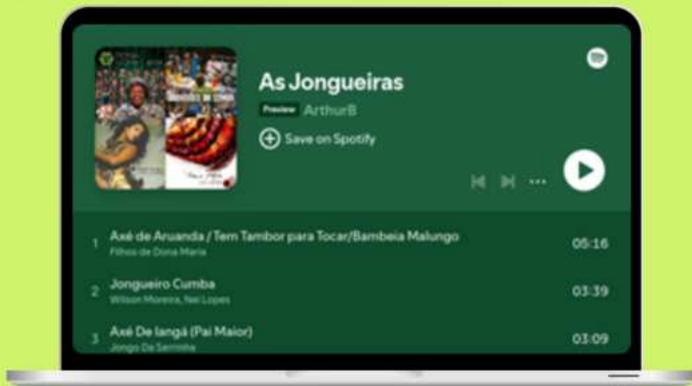


PLANTAS MEDICINAIS QUILOMBOLAS



**Olá, eu sou Dona Gessi,
responsável pelas
plantas medicinais;
acesse o Qr Code e
saiba mais**





OUÇA AGORA NO SPOTIFY

AS JONGUEIRAS

Nesta playlist queremos mostrar uma seleção de músicas que estão relacionadas ao Jongo. Queremos mostrar nesta playlist também algumas músicas que são bastante presentes nessa cultura, a playlist é curta mas com o diversas músicas importantes desta cultura.



Por

Arthur Baldotto

Avine Jr. Cardoso Filho

Daniel Davi Cunha Caldeira

João Felipe Brito Xavier

Matheus Dias Valério

Isabelly Broseguini Alves dos Santos

Vitória Gabrielly de Oliveira Carvalho

Neste jogo iremos mostrar algumas relações que o jogo tem com o Jongo. O jogo segue o estilo de ritmo, onde o jogador precisa estar focado em pressionar certas teclas no momento certo e assim testando suas habilidades de foco.



AS JONGUEIRAS



Para escanear
código QR



Por
Arthur Baldotto
Avine Jr. Cardoso Filho
Daniel Davi Cunha Caldeira
João Felipe Brito Xavier
Matheus Dias Valério
Isabelly Broseguini Alves dos Santos
Vitoria Gabrielly de Oliveira Carvalho

VLOG - FÊ QUILOMBOLA

Honrando a ancestralidade e combatendo o preconceito



Bem-vindos ao vlog Fé Quilombola!
Vamos explorar juntos a fascinante
jornada da fé quilombola. Vamos
mergulhar na riqueza das tradições
ancestrais, discutir a luta contra o
preconceito e compartilhar.



**Acesse o link abaixo para
saber mais!**



Por
Andre Pietro S. Santos
Davy Vasconcelos Souto
Flavio G. de Barbi
Kamilla Thomaz Ferreira
Willian Campos Miranda

CHAMAS DA MEMÓRIA: O INCÊNDIO NO QUILOMBO

EM AGOSTO DE 2022, NO QUILOMBO DO LINHARINHO, ACONTECEU O INCÊNDIO NO PONTO DE MEMÓRIA, UMA CATÁSTROFE. EM MEIO DE CHAMAS, ACONTECE A DESTRUIÇÃO NO HISTÓRICO PONTO DE MEMÓRIA!



Para uma melhor demonstração, acesse nosso QR Code!



Por:
André Pietro
Davy Vasconcelos
Flávio Guimarães
Gustavo das Neves
Kamilla Thomaz
Matheus Bonelá
William Campos
Yandria Caetano



Ponto cast



O podcast irá abordar o assunto do incêndio que aconteceu no ponto de memória linharinho no dia 8 de agosto de 2022, iremos fazer algumas entrevistas para saber o que as pessoas sabem sobre o desastre.



Jongo capixaba

Bem-vindo, nós do grupo quatro ficamos responsáveis por elaborar uma playlist com o tema jongo. Em nossa playlist, estamos montando uma coleção de músicas que mergulham no mundo do Jongo. Queremos realmente entrar nesse ritmo, desvendando seus segredos e características únicas. Mais do que isso, queremos compartilhar essa jornada com todos, incentivando a compreensão e o respeito por essa forma de expressão musical. Afinal, cada um tem seu gosto musical, e é incrível explorar as diferentes formas de arte que a música nos oferece.



Feito por: Franklin, Gabriel, Gustavo M, Gustavo w e Kaylane

Top 10 músicas do jongo

Jongo dos Guaianás - São Benedito Aldeia Quilombo.

Vida Ao Jongo, Oração Jongo da Serrinha. Se

Galo Macuco (part. Zé Luiz do Império) Jongo da Serrinha.

Preta Velha Jongueira, Que Saudade Jongo da Serrinha.

Jongo dos Guaianás - Querubim Aldeia quilombo

Jongo dos Guaianás - Pretas Rosas Aldeia

Jongo Da Serrinha, Prece A Vovó Maria Joana

Eh! Mulato Jongo da Serrinha.

Jongo dos Guianás - Terra Fértil Aldeia Quilombo

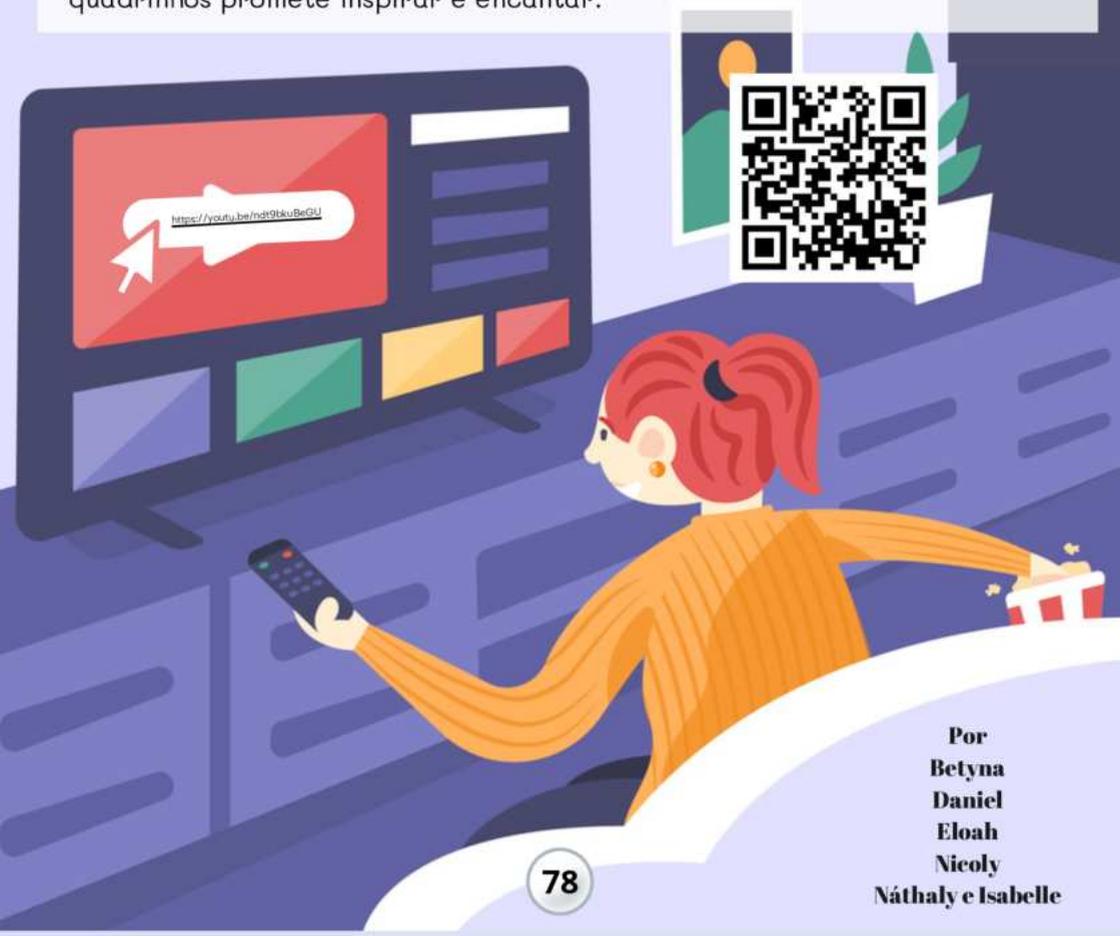
Jongo dos Guaianás - No Alto daquel monte Aldeia Quilombo.

Para ter acesso à playlist, escaneie abaixo o QR Code.



MEU LUGAR SAGRADO

Conheça a emocionante história de Dona Gessi, uma mulher cuja vida se entrelaça com a rica tradição do jongo. Através de ilustrações vibrantes e diálogos envolventes, a história promete te transportar para a atmosfera pulsante das rodas de jongo, enquanto desvenda desafio e triunfo enfrentado por Dona Gessi ao longo de sua jornada. Uma narrativa que celebra a força da cultura e a resiliência humana, esta história em quadrinhos promete inspirar e encantar.



COMO DANÇAR O JONGO?

Nesse tutorial iremos abordar a origem do jongo e como se dança! Acesse o QR code ao lado----->

Temos um link ao lado também, venha nos visitar!



FEITO POR

LETICYA
TIFFANY
YANDRIA
MARIA. V



DÉCIMA RODA

In-conclusões



In-conclusões

O entrelaçamento dessas vivências quilombolas com a Educação Escolar foi um processo valioso, embora não isento de desafios. Os estudantes chegaram eufóricos, repletos de ideias, cada grupo compartilhando sua visão sobre temas específicos, já que foram divididos em grupos com diferentes temáticas. Ouvir esses estudantes e constatar que realmente aprenderam é extremamente gratificante. E, em seguida, testemunhar todo o processo de transformação, com eles expressando o que aprenderam de maneiras diversas na revista digital, é algo maravilhoso. Alguns trouxeram poesia, crônicas, vídeos, vlogs e blogs, cada grupo com sua própria abordagem. A riqueza de detalhes em cada produção reflete a fidelidade ao que ouviram e sentiram no Ponto de Memória com Dona Gessi.

Partindo para as in-conclusões, é fundamental reconhecer como essas mulheres negras quilombolas da Comunidade quilombola de Linharinho carregam em seus corpos as marcas da ancestralidade, símbolos de resistência e fé. Além disso, exploramos como essas memórias orais podem ser incorporadas aos espaços escolares, enriquecendo o currículo e o trabalho dos professores e professoras. Essas práticas educativas, extraídas das memórias orais dessas mulheres, têm muito a nos ensinar. É impossível passar por esse processo sem absorver a riqueza dessas fontes. A escola tem muito a ganhar com essa abordagem. Não se trata de eliminar os conteúdos formais, mas sim de ampliar o conhecimento, trazendo vivências e saberes para dentro da sala de aula. Essa conexão com a realidade dos estudantes é valiosa e enriquece o processo educativo.



COLABORARTE



COLABORARTE

Os estudantes do 9º ano da EMEF Dr. Mário Vello Silveiras que elaboraram as atividades no Canva, uma plataforma de design gráfico amplamente utilizada. Todos os designs, desenhos e figuras utilizados nas atividades foram retirados do Canva. O fotógrafo Danilo Lopes foi responsável pela captura de imagens durante o processo de pesquisa, adicionando uma dimensão visual enriquecedora para esse trabalho.



REFERÊNCIAS

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A Educação na comunidade de Monte Alegre - ES em suas práticas de construção da cultura popular negra**. Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Educação, 2007
- ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **A educação no quilombo e os saberes do quilombo na escola**. Curitiba: Appris, 2018.
- ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino. **Sobre Políticas do Corpo Negro Feminino e Territorialidades Jongueiras no Enfrentamento ao Racismo**. Revista Farol, 2021. Disponível em <https://periodicos.ufes.br/farol/issue/view/1351> - acesso em 15 de julh. 2024.
- ARAUJO, Noelia da Silva Miranda, ANDRADE, Patrícia Gomes Rufino, REGINALDO, Sidineide Vidigal, CASSIANO, Genilda. **Modos de Ser e Sentir: Entrelaçando Narrativas das Crianças e Professoras Quilombola**. Pró-Educação - UNIVÁS, 2020.
- ARAUJO, Noelia da Silva Miranda. **Entrelaçando saberes e narrativas: Formação de Professoras/es e lideranças quilombolas em Conceição da Barra**. Universidade Federal do Espírito Santo, 2020. Disponível em <https://educacao.ufes.br/pt-br/pos-graduacao/PPGMPE/disserta%C3%A7%C3%B5es-defendidas?page=3> Acesso no dia 20 de março de 2024.
- BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o **Estatuto da Igualdade Racial**; altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, 9.029, de 13 de abril de 1995, 7.347, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003. Brasília, DF: Presidência da República, [2021]. Disponível em: https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/589163/Estatuto_igualdade_racial_normas_corr_elatas.pdf
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Disponível em: http://portal.jphan.gov.br/uploads/legislacao/constituicao_federal_art_216.pdf Acesso em 06 de abril de 2024.
- BLUES, Baco Exu do. **O Sol mais quente**. 2019
- BRASIL. Lei nº 9.934, de 20 de dezembro de 1996. **Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional**. Brasília, DF: Presidência da República, [1996]. Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/lei9394_ldbn.pdf
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.
- BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Parecer CNE/CP nº 03/2004. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana**. Brasília: MEC, 2004. Disponível em: https://download.inep.gov.br/publicacoes/diversas/temas_interdisciplinares/diretrizes_curriculares_nacionais_para_a_educacao_das_relacoes_etnico_raciais_e_para_o_ensino_de_historia_e_cultura_afro_brasileira_e_africana.pdf

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República. Constituição Federal de 1988**, artigo 216
- COSTA, Renata Beatriz Rodrigues da. “ **Se planejamento é papel, quando vamos pra prática?**” : **Quilombolas de Linharinho (ES) e seus pontos de vista sobre os direitos ao território e as políticas públicas**. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ESTATUTO MUNICIPAL N° 1.132/72**. Conceição da Barra, Espírito Santo. 1972.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Editora Revista dos Tribunais- LTDA. São Paulo, 1990.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006
- MARQUES, Gabriela Pôrto. **O cuidar feminino: Saberes e fazeres tradicionais de benzedeiras quilombolas de Mostardas-RS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_112063f755189ddc80266e3cb7961d36 . Acesso dia 17 de março de 2024.
- MENDES, Ivone Xavier. **Memórias Necessárias: Narrativas e Histórias de mulheres negras quilombolas do município de Monte Alegre de Goiás**, Universidade Federal de Goiás, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/e732291f-269d-4903-bfc0-f5361e0430c5>. Acesso em 20 de março de 2024.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo - Documentos de uma militância Pan-Africanista**. Editora **Perspectiva**; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Quilombos: território, memória e reexistência**. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. GUIMARÃES, Aissa Afonso (Orgs.). **Jongos e Caxambus: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. 1ª Ed. ampl. - Vitória, ES: UFES, Proex, 2018.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos Sociais, Consciência Étnica e Patrimônio Cultural**. Ruris. Volume 5, Número 2. 2011.
- OLIVEIRA, Kiusam. **Pedagogia da Ancestralidade**. São Paulo. 2019.
- OLIVEIRA, Natane Franciella de. **Um quilombo contestado : análise sobre o processo de demarcação de terras quilombolas**. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. 2017. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11244_NATANE.pdf Acesso em 06 de abril de 2024.
- POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PARECER CNE/CEB N° 3 /2004: BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica.
- PASINI, ISABELA LEÃO PONCE. **Conflito Territorial e Soberania Alimentar: Um estudo de caso na Comunidade Quilombola Angelim I, no Sapê do Norte** - ES. Universidade Federal de Viçosa - Viçosa MG, 2014. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4211> . Acesso em 19 de Març.de 2024.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**, 2º Ed. - Novo Hamburgo:Feevale, 2013.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2019.
- RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhas**. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf . Acesso em 08 de Agost. de 2023.
- RUFINO, Luiz. **Vende-demanda: educação e descolonização**. 1º ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República. Constituição Federal de 1988**, artigo 216
- COSTA, Renata Beatriz Rodrigues da. “ **Se planejamento é papel, quando vamos pra prática?**” : **Quilombolas de Linharinho (ES) e seus pontos de vista sobre os direitos ao território e as políticas públicas**. 32ª Reunião Brasileira de Antropologia. 2020.
- EVARISTO, Conceição. **Poemas da recordação e outros movimentos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
- ESTATUTO MUNICIPAL N° 1.132/72**. Conceição da Barra, Espírito Santo. 1972.
- HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva**. Editora Revista dos Tribunais- LTDA. São Paulo, 1990.
- MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. **Orientações e Ações para a Educação das Relações Étnico-Raciais**. Brasília: SECAD, 2006
- MARQUES, Gabriela Pôrto. **O cuidar feminino: Saberes e fazeres tradicionais de benzedeiras quilombolas de Mostardas-RS**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019. Disponível em: https://www.oasisbr.ibict.br/vufind/Record/BRCRIS_112063f755189ddc80266e3cb7961d36 . Acesso dia 17 de março de 2024.
- MENDES, Ivone Xavier. **Memórias Necessárias: Narrativas e Histórias de mulheres negras quilombolas do município de Monte Alegre de Goiás**, Universidade Federal de Goiás, 2023. Disponível em: <https://repositorio.bc.ufg.br/tede/items/e732291f-269d-4903-bfc0-f5361e0430c5>. Acesso em 20 de março de 2024.
- NASCIMENTO, Abdias do. **O Quilombismo - Documentos de uma militância Pan-Africanista**. Editora **Perspectiva**; Rio de Janeiro: Ipeafro, 2019.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Quilombos: território, memória e reexistência**. Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. GUIMARÃES, Aissa Afonso (Orgs.). **Jongos e Caxambus: Culturas afro-brasileiras no Espírito Santo**. 1ª Ed. ampl. - Vitória, ES: UFES, Proex, 2018.
- OLIVEIRA, Osvaldo Martins de. **Comunidades Quilombolas no Estado do Espírito Santo: Conflitos Sociais, Consciência Étnica e Patrimônio Cultural**. Ruris. Volume 5, Número 2. 2011.
- OLIVEIRA, Kiusam. **Pedagogia da Ancestralidade**. São Paulo. 2019.
- OLIVEIRA, Natane Franciella de. **Um quilombo contestado : análise sobre o processo de demarcação de terras quilombolas**. Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas. 2017. Disponível em: https://sappg.ufes.br/tese_drupal//tese_11244_NATANE.pdf Acesso em 06 de abril de 2024.
- POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio. Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.
- PARECER CNE/CEB N° 3 /2004: BRASIL. **Conselho Nacional de Educação**. Câmara de Educação Básica.
- PASINI, ISABELA LEÃO PONCE. **Conflito Territorial e Soberania Alimentar: Um estudo de caso na Comunidade Quilombola Angelim I, no Sapê do Norte** - ES. Universidade Federal de Viçosa - Viçosa MG, 2014. Disponível em: <https://www.locus.ufv.br/handle/123456789/4211> . Acesso em 19 de Març.de 2024.
- PRODANOV, Cleber Cristiano. FREITAS, Ernani César de. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho científico**, 2º Ed. - Novo Hamburgo:Feevale, 2013.
- RUFINO, Luiz. **Pedagogia das Encruzilhadas**. Rio de Janeiro, Mórula Editorial, 2019.
- RUFINO, Luiz. **Exu e a Pedagogia das Encruzilhas**. Tese (Doutorado). Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2017. Disponível em: https://www.bdt.uerj.br:8443/bitstream/1/10434/1/Tese_Luiz%20R%20Rodrigues%20Junior.pdf . Acesso em 08 de Agost. de 2023.
- RUFINO, Luiz. **Vende-demanda: educação e descolonização**. 1º ed.- Rio de Janeiro: Mórula, 2021.

DESCRIÇÃO TÉCNICA DO PRODUTO

Autoria: Wallace Linhares Julio

Orientadora: Professora Doutora Patrícia Gomes Rufino Andrade

Nível de Ensino a que se destina o produto: Educação Básica.

Área de Conhecimento: Educação

Público-alvo: Professores da Educação Básica

Categoria desse produto: Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para Educação Quilombola.

Finalidade: A finalidade do produto, **Referencial de Práticas Pedagógicas Antirracista para a Educação Quilombola**, é organizar atividades elaboradas por estudantes com base nas narrativas e memórias das mulheres quilombolas do Jongo do Linharinho, promovendo a valorização e a integração da cultura quilombola no ambiente escolar

Organização do Produto: O produto é organizado em quatorze capítulos que abrangem desde conceitos teóricos até a apresentação de dados sobre o objeto investigado. Cada capítulo explora diferentes aspectos, como as práticas pedagógicas antirracistas, visitas técnicas realizadas, o diagnóstico inicial realizado na escola e as atividades desenvolvidas pelos estudantes com base nas narrativas e memórias das mulheres do Jongo de Linharinho.

Registro de propriedade intelectual: Ficha Catalográfica emitida pela Biblioteca Central da Universidade Federal do Espírito Santo.

Disponibilidade: Irrestrita, mantendo-se o respeito à autoria do produto, não sendo permitido uso comercial por terceiros.

Divulgação: Digital e/ou impresso

URL: Página do PPGMPE: www.educacao.ufes.br

Processo de Validação: Validado na banca de defesa da dissertação

Processo de Aplicação: Aplicado no Seminário de Pesquisa do PPGMPE e no grupo de pesquisa no qual estão vinculados os autores do produto educacional.

Impacto: Alto. Produto elaborado a partir das necessidades dos professores da educação básica, com o objetivo de sistematização da vida escolar dos estudantes.

Inovação: Alto teor inovativo. O produto apresenta dados que ainda não tinham sido catalogados em nenhum outro material pedagógico dos sistemas de ensino locais.

Origem do Produto: Dissertação intitulada “Memória, Fé e Resistência: Contribuições das Mulheres do Jongo de Linharinho para a Educação Quilombola”.